

Sarney assume e avança com o novo governo

CORREIO BRAZILIENSE

A.C. Scartezini
Da Editoria de Política

- 8 MAI 1985

O governo não parou e tem chefe: José Sarney. Em seu discurso de ontem, Sarney prova uma coisa na qual apenas ele e os ministros acreditavam: o Governo não parou na UTI junto com Tancredo Neves naqueles longos dias de agonia e morte do Presidente desde a madrugada da posse de 15 de março.

Cuidou o Governo de ficar em casa e arrumá-la, embora esbarasse na doença do Presidente e no déficit de caixa que chegou a Cr\$ 84,9 trilhões numa soma parcial. Reduziu a inflação e a expansão da base monetária, recuperou o saldo comercial, e deu alento às reservas financeiras e à retomada do desenvolvimento sem o impulso inflacionário.

De sua parte, Sarney assume o Governo com desenvoltura. Nos 51 dias que correram entre a primeira e a segunda reunião ministerial, Sarney avançou. Mostrou no discurso de ontem que o governo já conhece a casa e prepara-se para agir sem compromisso rigoroso com o pensamento de Tancredo Neves exposto na primeira reunião de 17 de março.

Um passo à frente.

Na segunda reunião do ministério, Sarney assume a direção do novo programa para a economia e reafirma o seu nome de batismo — IV Plano Nacional de Desenvolvimento —, sem se incomodar em repetir para o seu plano "realista" uma vinculação com os PNDs triunfalistas do governo Geisel. Com a segurança de quem já conhece a casa, detalha o cálculo Parcial do déficit de caixa.

Avança Sarney sobre o problema da corrupção sem a prudência mineira de Tancredo. Na pri-

meira reunião, Sarney leu o discurso onde Tancredo pede "exemplar punição" aos que administram "de forma tão criminosa" a economia popular. Na segunda, Sarney é mais claro: promete "punição para todos os responsáveis por fraude no setor financeiro".

Se Tancredo omitiu a corrupção interna, Sarney afirma que a "luta contra a corrupção é fator decisivo e ponto de honra do governo para o êxito da administração pública". Determina a cada ministro que "faça minucioso inventário dos bens sob a sua guarda" — Tancredo pediu um levantamento a cada ministro, mas para levantar os recursos internos disponíveis.

AUTORIDADE E ORDEM

Nessa fase de transição, a autoridade presidencial é imprescindível ao sucesso da empresa. Desconfiou Tancredo que a sua autoridade externa dependia de vigor no comando interno, e prometeu: "Não abrirei mão da posição de condutor da política econômica do País e não permitirei que o Ministério se divida em dois: os comprometidos com a austeridade e os comprometidos com os gastos."

Outra vez, Sarney avança e promete exercer a presidência na "plena autoridade, que me concede a Constituição". Não se sente mais fraco como substituto do presidente morto — "Não me sinto inibido diante das circunstâncias que me conduziram a este momento, ao contrário, elas me exigem mais força e mais audácia".

A turbulência das greves sociais era prevista e, por isso, Tan-

credo considerou "indispensável manter-se a ordem, sem ordem não chegaremos a parte alguma". Sarney, firme, coloca o dedo na ferida: "A ordem democrática foi restaurada sob o primado da lei" e as greves revelam "algum exagero nas reivindicações de determinadas categorias profissionais que não se encontram entre as mais sacrificadas".

SOCIEDADE ABERTA

A criação de um novo sistema institucional foi chamado de "reorganização constitucional" por Tancredo, como se fosse uma arrumação de coisas mal postas. Para Sarney, é um caso de "ordenação constitucional" — a construção de uma nova ordem. Nesse processo, Sarney deixa mais claro que Tancredo a necessidade de ampla representação política.

No discurso de Tancredo, a nova Constituição "deve responder a um amplo consenso da generalidade dos setores que compõem a sociedade civil" e, por isso, "impõe-se criar canais que facilitem uma ampla consulta. Sarney troca consulta por participação: "Participação de todas as forças políticas, sem exclusão de ninguém, porque uma democracia pluralista e aberta não pode conter discriminação ideológica".

Enfim, Tancredo construiu o seu discurso com a prudência do político mineiro pronto a iniciar um governo de transição num período delicado de afirmação do novo regime. Sarney foi mais o inconfidente mineiro, que desafiou a suposta fragilidade de sua autoridade e abriu o peito para a guerra da afirmação da nova ordem.